

A IMPORTANCIA DA ATUAÇÃO DO MEDIADOR DE CASO NA INTERVENÇÃO PRECOCE DE CRIANÇAS AUTISTAS

LUANA RIBEIRO BUENO¹; CLARISSA BERDETE BILHALVA²;
RITA DE CÁSSIA RODRIGUEZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – luanaribeiroucpel@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clarissabilhalva@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca elucidar a importancia da atuação do mediador de caso no processo de intervenção precoce (IP), realizado com crianças autistas na cidade de Pelotas. A pesquisa longitudinal intitulada "Intervenção Precoce com crianças que apresentam transtorno do espectro autista (TEA): uma proposta luso-brasileira", em desenvolvimento pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Cognição e Aprendizagem (NEPCA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em parceria com o Centro de Atendimento ao Autista (CAA), Núcleo de Neurodesenvolvimento Professor Mário Coutinho e Universidade do Minho – PT, vem sendo realizada desde 2014 e conta com o acompanhamento de doze crianças autistas e suas famílias, onde se realiza um trabalho transdisciplinar junto aos seus cuidadores, escolas e demais profissionais. Nesse acompanhamento, segundo a proposta de investigação, se propõe adaptar e aplicar para o contexto brasileiro o Programa de Intervenção Precoce na Infância (IPI), que se desenvolve a partir das perspectivas transacional de Sameroff e Chandler (1975) a teoria ecológica de Bronfenbrenner (1986) e da importância da família de Dunst (2005). Autores como (BRIGGS, 1997; BRUDER, 2000; CARPENTER, 2005; GURALNICK, 2001 e MCWILLIAM, 2010) já reconhecem o modelo transdisciplinar como a melhor prática em intervenção precoce (CARVALHO et al, 2016), refletindo uma verdadeira visão centrada na família (DOYLE, 1997). Dentre as equipes de trabalho transdisciplinar, compostas por diversos profissionais, um é escolhido para ser o mediador ou responsável de caso. Este irá executar o papel de mediação entre todas as partes que interferem na criança, desde os cuidadores, a família, a escola, até os profissionais externos, como pediatras, neuropediatra, psicólogos e demais.

2. METODOLOGIA

A investigação, iniciada em 2014, envolve 12 crianças de 3 a 6 anos diagnosticadas com TEA, suas famílias, profissionais das áreas de saúde e educação, objetivando adaptar e aplicar para o contexto brasileiro o Programa de Intervenção Precoce na Infância (IPI).

Esta pesquisa possui uma perspectiva centrada na família e nos ambientes naturais da criança, como nos aponta ALEIXO (2014) "A perspectiva atual de intervenção centrada na família defende uma intervenção nos ambientes naturais de vida da criança. Acreditamos que, partindo dos contextos naturais da criança e respeitando as prioridades da família conseguiremos, por tudo o que se disse, promover mais rápida e eficazmente o desenvolvimento da criança contribuindo para que melhore as áreas de desenvolvimento e mais expansivamente as áreas

que a família privilegiou", porém percebendo a escola, os professores e os demais profissionais envolvidos também como fundamentais para a compreensão, planejamento e proposição das intervenções.

A proposta, em sua primeira etapa, proporcionou aos professores dos alunos envolvidos na pesquisa, um período de formação sobre o tema, proporcionando momentos de trocas de saberes e construção de estratégias pedagógicas que priorizem as singularidades de cada criança. No decorrer das ações, são aplicados instrumentos de avaliação e reconhecimento (adaptados ao contexto brasileiro) que objetivam analisar todos os aspectos que envolvem a criança, sua família, escola, contextos naturais, possibilidades e necessidades emergentes para orientar o planejamento coletivo e colaborativo - Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP), que prioriza a superação de modelos impositivos ou prescritivos, centrados somente na criança, ou em suas áreas mais frágeis, ou ainda, na supremacia de um saber sobre os demais. O profissional responsável pela coleta destas informações, pelo acompanhamento do caso, por fazer contato com a família e com os envolvidos com a criança, faz observações da criança em ambientes possíveis e realiza as entrevistas com a família é chamado aqui de mediador de caso.

O mediador de caso, após a coleta do material, da realização das entrevistas, observações e estudo da criança, fica responsável por montar, previamente, o ecomapa da criança, que conta com toda a rede de apoio que ela e sua família e/ou cuidadores possuem. Após esse período, é realizado a estruturação prévia do Plano Individual de Intervenção Precoce (PIAF) que envolve as emergentes necessidades levantadas pela família, escola e demais profissionais, a serem trabalhadas/desenvolvidas com a criança. Esse plano será construído coletivamente em uma reunião em que todos os envolvidos com a criança são convidados a participarem. Nesta reunião se discutem os pontos mais emergentes, que a família gostaria de avançar com a criança, como aumentar o tempo da criança na escola, e é pensado juntamente com a escola, os pais e o mediador todas as possibilidades e estratégias que podem ser feitas para que a criança comece a permanecer mais tempo na escola, sempre partindo de uma real necessidade que a família traz como algo emergente para eles, corroborando com as emergentes necessidades que a escola apresenta, assim como as possibilidades de avanço. O mediador, como uma figura neutra no processo, auxilia na mediação desta construção, intervindo quando necessário e apontando sinais que por vezes podem passar despercebidos, assim como facilitador desta interação entre família- escola-profissionais que por vezes pode ter ruídos, podendo assim elencar pontos que favoreçam a construção de um plano de intervenção possível de ser executado por todas as partes envolvidas, visando sempre o bem estar da criança e sua família.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa já vem sendo realizada desde 2014, no acompanhamento longitudinal de doze crianças envolvidas, juntamente com suas famílias, escolas, centro e profissionais envolvidos. Recentemente, em 2017, estendeu-se para o município de Bagé, com o acompanhamento de oito crianças.

Por estar em andamento, o resultado é parcial e subjetivo, através de constantes *feedbacks* dos familiares das crianças e ainda mais dos profissionais da educação envolvidos, diretores de escolas, professores, monitores, educadores auxiliares, que nos frequentes encontros verbalizam suas práticas e atuações pós PIAF e como suas práticas tem obtido êxito. É importante ressaltar

que é um trabalho árduo e demorado, seus resultados são vistos em pequenas ações, mas que somadas e visto sua complexidade, são reais avanços para aquela criança e seu entorno. A real inclusão de alunos autistas nas escolas ainda requer muito estudo e ededicação por parte de seus professores, as práticas em sala de aula, construção de materias, atividades, ainda são recentes e não há uma receita pronta, necessitando muitas vezes um planejamento completamente diferente para cada criança, não so na escola como em casa, na rua, o autismo é uma singularidade, e é necessário todo o respeito a essa criança e sua família, que muitas vezes encontram-se vulneráveis, por desconhecimento. Sendo assim, a relevancia desta investigação, assim como a atuação dos seus mediadores tem se mostrado cada vez mais positiva.

4. CONCLUSÕES

Os resultados vem demonstrando avanços significativos no desenvolvimento das crianças, na organização e práticas familiares e escolares, no fortalecimento de vínculos e de expectativas entre famílias, professores, profissionais e crianças nas decisões e definições sobre as prioridades nos diferentes momentos e percursos vivenciados, superando a culpabilização e o sentimento de insuficiência e baseando-se na corresponsabilização, capacitação, mediação e apoio colaborativo, reforçando a importância da intervenção precoce e seus facilitadores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONFENBRENNER, U.. Ecology of the family as a context for human development. **Developmental psychology**, 22, 723-742, 1986.

CARVALHO, L. et al . **Práticas Recomendadas em Intervenção Precoce na Infância: um Guia para Profissionais**. Coimbra: Associação Nacional de Intervenção Precoce, 2016.

DOYLE, B. Transdisciplinary approaches to working whit families. In. B. Carpenter, J. Egerton (Eds). **Early childhood intervention. International perspectives, national initiatives and regional practice**. Great Britain: West Midlands SEM Regional Partnership.,1997.

DUNST, C.J. Framework for praticing evidence based early childhood intervention and family support. **CASEinPoint**, 1(1), 1-11, 2005.

Núcleo de estudos e pesquisas em cognição e aprendizagem. **Relatório de pesquisa**. Pelotas: UFPEL, 2018.

SAMEROFF, A. J. CHANDLER, M. J. Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. InF. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scar- Salapatek, G. Sigel (Eds). **Review of child development research**, 4, 187-244. Chicago. University of Chicago Press, 1975.